

Milliet nega impasse com credor

Arquivo

SÃO PAULO — As negociações da dívida externa brasileira com o comitê de bancos credores, iniciadas há uma semana em Nova Iorque, prosseguem normalmente sem qualquer impasse, garantiu ontem o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, ao desembarcar em São Paulo.

— Não há nenhum ponto crítico — ressaltou ao admitir apenas um mal-entendido por parte dos credores quanto ao pagamento dos juros pelo Brasil, o que não significa a retirada das negociações dos bancos europeus, japoneses e canadenses. “É possível que para alguns bancos a condição do Brasil, que está com reservas baixas, não tenha sido bem entendida, mas a negociação está estável e não acredito que venha a experimentar dificuldades”, prosseguiu Milliet que, após consultas hoje às autoridades brasileiras, embarca novamente amanhã para os Estados Unidos.

Na última sexta-feira, segundo Milliet, começou-se a discutir a agenda normal de trabalho e, dentro das dificuldades previsíveis, tudo está correndo bem, sem novidades, porque o Brasil segue sua conhecida proposta de negociação. “A bola finalmente começa a rolar”, afirmou ao embarcar sábado para o Brasil, mas como as negociações demandarão ainda várias semanas, ao desembarcar, ontem, em São Paulo complementou: “Não tem sentido eu ficar irradiando o jogo a cada lance”. Apesar dessa reação, o presidente do Banco Central procura esclarecer todas as dúvidas com relação a posição brasileira na mesa de negociação.

PONTE — Uma das principais questões diz respeito ao empréstimo-ponte. Dado o baixo nível de reservas brasileiras e a normal demora de liberação de recursos dos bancos credores, Milliet esclarece que um ponto básico do acordo é um empréstimo-ponte ao Brasil. “Mesmo que cheguemos ao protocolo, que é o próprio acordo, existem ainda duas etapas a serem vencidas”, lembrou. A primeira é que o comitê de bancos precisa que o acordo seja ratificado por todos os credores, o que demanda mais de dois meses. Depois disso, os 700 credores precisam assinar o acordo, o que também levará mais dois



Milliet: apenas mal-entendido

meses. Só após essas formalidades é que começa a fluir dinheiro ao Brasil.

Se o país tivesse reserva alta, usaria suas reservas até o desembolso por parte dos bancos. Mas como a reserva é baixa, precisamos da ajuda dos bancos, salientou Milliet. Dessa forma, o empréstimo-ponte será um item indispensável a constar na agenda das negociações. Já com relação aos recursos do Banco Mundial, Milliet destacou que o organismo continua operando mas, num ritmo muito lento. “Um desembolso maior tanto do Banco Mundial como do Clube de Paris, porém, só se materializará após as negociações”, reconheceu.